



DAS CULTURAS DA ALIMENTAÇÃO AO CULTO DOS ALIMENTOS

VOLUME I

Paula Barata Dias
Wanessa Asfora
Carmen Soares
Allen Grieco
(Coords.)

SÉRIE DIAITA
SCRIPTA & REALIA
ISSN: 2183-6523

Destina-se esta coleção a publicar textos resultantes da investigação de membros da rede transnacional DIAITA: Património Alimentar da Lusofonia. As obras consistem em estudos aprofundados e, na maioria das vezes, de carácter interdisciplinar sobre uma temática fundamental para o desenhar de um património e identidade culturais comuns à população falante da língua portuguesa: a história e as culturas da alimentação. A pesquisa incide numa análise científica das fontes, sejam elas escritas, materiais ou iconográficas. Daí denominar-se a série DIAITA de *Scripta* - numa alusão tanto à tradução, ao estudo e à publicação de fontes (quer inéditas quer indisponíveis em português, caso dos textos clássicos, gregos e latinos, matriciais para o conhecimento do padrão alimentar mediterrânico), como a monografias. O subtítulo *Realia*, por seu lado, cobre publicações elaboradas na sequência de estudos sobre as “materialidades” que permitem conhecer a história e as culturas da alimentação.

Paula B. Dias dedica-se às áreas da História, Sociedade e Cultura da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média.

Wanessa Asfora investiga sobre História da Alimentação, da Medicina e das Práticas Intelectuais na Idade Média e no Renascimento.

Carmen Soares atua nas áreas dos Estudos Clássicos e da História e Culturas da Alimentação, da Dietética e do Património Alimentar.

Allen Grieco, Investigador Emérito de História na Villa I Tatti (Itália), publica sobre a história cultural da alimentação em Itália dos séculos XIV a XVI.

SÉRIE DIAITA: SCRIPTA & REALIA
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS

DIÁTA: SCRIPTA & REALIA
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2183-6523

DIRETORA PRINCIPAL
MAIN EDITOR

Carmen Soares
Universidade de Coimbra

COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD

Andrew Dalby
Investigador Independente

Inmaculada Rodríguez Moreno
Universidad de Cádiz, España

Joaquim Pinheiro
Universidade da Madeira, Portugal

John Wilkins
University of Exeter, UK

Inês de Ornellas e Castro
Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Margarida Miranda
Universidade de Coimbra, Portugal

Maria Cecília Pilla
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

Ana Paula dos Santos Arnaut
Universidade de Coimbra, Portugal

Eliane Morelli
Universidade de Campinas, Brasil

Joana Pellerano
Centro Universitário Senac São Paulo, Brasil

Cilene Ribeiro
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra, Portugal

Adriana Salay Leme
Universidade de São Paulo, Brasil

Rafaela Basso
Universidade de Campinas, Brasil

DAS CULTURAS DA ALIMENTAÇÃO AO CULTO DOS ALIMENTOS

VOLUME I

**Paula Barata Dias
Wanessa Asfora
Carmen Soares
Allen Grieco
(Coords.)**



SÉRIE DIAITA
SCRIPTA & REALIA

TÍTULO TITLE

DAS CULTURAS DA ALIMENTAÇÃO AO CULTO DOS ALIMENTOS, VOLUME I
FROM FOOD CULTURES TO FOOD CULTS. VOLUME I

COORDS. EDS.

Paula Barata Dias, Wanessa Asfora, Carmen Soares, Allen Grieco

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt
Vendas online Online Sales
<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Capa - Desenho Cover - Picture

Arquivo Fotográfico da Figueira da Foz

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes

Infografia Infographics

Margarida Albino

Revisão Proofreading

Isabel Gouveia / Daniela Pereira

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2361-0

ISBN Digital

978-989-26-2362-7

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2362-7>

CECH | CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CREADO EM 1987

Unidade de I&D financiada por

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PROJETO UIDB/00196/2020

 REPÚBLICA
PORTUGUESA

© Novembro 2022

Imprensa da Universidade de Coimbra
Classica Digitalia Unversitatis Conimbragensis
<http://classica.digitalia.uc.pt>
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

7. PARA UMA HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO: A POLARIZAÇÃO DA MESA ENTRE A CIDADE E O CAMPO*

FOR A HISTORY OF CIVILIZATION: THE TABLE POLARIZATION BETWEEN THE CITY AND THE COUNTRYSIDE

Ana Paula Pinto

Universidade Católica Portuguesa/ CEFH
0000-0003-0371-4984
appinto@ucp.pt

RESUMO

Depois de publicar em 1892 o conto “Civilização”, Eça de Queirós passará os últimos anos da vida empenhado na drástica refundição da breve narrativa numa obra novelística de maior estro, concebida como parte de uma vasta coleção ficcional de narrativas fantasistas curtas. No atormentado processo de recriação, aperfeiçoamento, e sistemáticas emendas, que resultará na publicação póstuma, a narrativa surgirá articulada não só sobre idênticos referentes diegéticos, mas também sobre as mesmas essenciais tese (a da supremacia da civilização sobre a natureza), antítese (o ingresso acidental no espaço da natureza), e síntese (a natureza reconcilia o homem com a vida). Desde o binómio simplificado da trama, entre a desumanização materialista da Cidade-Civilização, e a espiritualidade redentora da Serra-Natureza, ambas as narrativas se enriquecem de excepcionais potencialidades estilístico-simbólicas, para as quais concorrem poderosamente as referências temáticas ao contexto alimentar e gastronómico, já notadas pela crítica literária como motivo obsidiante no imaginário queirosiano. À luz desse peculiar enquadramento expressivo polarizado – dos prazeres da mesa e do enfartamento – pretendemos revisitar comparativamente as narrativas queirosianas “Civilização” e *A Cidade e as Serras*, sem deixar de, através delas, procurar recuperar as memórias culturais da Antiguidade Clássica e sua pervivência no imaginário simbólico do Ocidente.

PALAVRAS-CHAVE

Eça de Queirós; “Civilização”; *A Cidade e as Serras*; Alimentação; Memória cultural; Receção dos clássicos.

* A autora deste texto não adota o chamado Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990). A ortografia seguida é da responsabilidade da Imprensa da Universidade de Coimbra, que, enquanto instituição pública, o exige por imposição legal a que está obrigada.

ABSTRACT

After publishing the short story “Civilização” in 1892, Eça de Queirós will spend the last years of his life engaged in the drastic refoundation of the brief narrative in a novelistic work of greater ambition, conceived as part of a vast fictional collection of other short fantasy narratives. In the tormented process of recreation, improvement, and systematic amendments, published only after the author’s death, the narrative is based on similar diegetic referents, but also on the equally essential thesis (that of the supremacy of civilization over nature), antithesis (accidental entry into the space of nature), and synthesis (nature reconciles man with life). From the simplified combination of the plot between the materialistic dehumanization of the City-Civilization and the redemptive spirituality of the Mountain-Nature, both narratives are enriched by exceptional stylistic-symbolic potentialities, to which the references to the food and gastronomic context (already noted by literary criticism as an obsidian motif in the Queirosian imagination) strongly contribute. In the light of this peculiar polarized expressive framework – the pleasures of the table and infarction – we intend to comparatively revisit the Queirosian narratives “Civilização” and *A Cidade e as Serras*, in order to recover the cultural memories of Classical Antiquity and its survival in the symbolic imaginary of the West.

KEYWORDS

Eça de Queirós; “Civilização”; *A Cidade e as Serras*; Food; Cultural memory; Classical reception.

I. ENTRE A CIDADE E O CAMPO: CRIAÇÃO E RECRIAÇÃO

Em outubro de 1892, Eça de Queirós publica na *Gazeta de Notícias do Rio de Janeiro* o conto “Civilização”, centrado na figura de um aristocrata abastado, que, rodeado desde o nascimento por todos os confortos materiais e espirituais da civilização, vai, no entanto, sucumbindo a uma iniludível insatisfação existencial; ocasionalmente arrastado para uma sua propriedade rústica na aldeia, e privado da sufocante sofisticação hipercivilizada (de meios técnicos, conhecimentos, e responsabilidades) que o acabrunhava, consegue, no entanto, inverter o pessimismo da sua trajetória pessoal, reconciliando-se entusiasticamente com a vida.

No ano seguinte, numa carta datada de 18 de novembro de 1893¹, provavelmente deslumbrado por uma visita a uma propriedade herdada, por morte da sogra, em Santa Cruz do Douro², Eça transmitirá ao editor Mathieu Luga

¹ Castilho 1983, II: 300-303.

² Para a descrição do deslumbramento do artista perante os encantos “alpestres” da propriedade da Quinta de Vila Nova, em Santa Cruz do Douro, vd. carta de 2 de Junho de 1898 (Castilho 1983 2: 458-460); a primeira visita ocorrera seis anos antes, em Maio de 1892, o provável momento em que o paraíso Torges do conto “Civilização” se transmutou em Tormes.

sinais do entusiasmo posto na drástica refundição desta breve narrativa numa obra novelística de maior estro, integrada, aliás, no projeto ambicioso de uma vasta coleção ficcional de outras narrativas fantasistas curtas³.

A novela, articulada pela composição descontínua e fragmentária de alguns capítulos⁴ entre 1893 e 1894, arrastando-se no atormentado processo de refundição, aperfeiçoamento, e sistemáticas emendas, até à súbita morte do autor, em agosto de 1900, só será publicada em 1901, a partir da revisão de Ramalho Ortigão e de Luís de Magalhães⁵. De forma equivalente, também o conto “Civilização”, que lhe terá servido de primeiro esboço, apenas virá a público em 1902, coligido por Luís de Magalhães, no volume póstumo dos *Contos*. Marcada pela peculiar conjuntura da sua formação genológica (e pelo desconcertante estatuto imposto às criações póstumas, não vigiadas pela acerada exigência crítica do autor), a recriação literária exige o cuidadoso cotejo das duas versões narrativas.

Articulando idênticos ou muito próximos referentes diegéticos, repetem-se, nas duas narrativas, na verdade, as personagens fundamentais, o protagonista, Jacinto, com seu círculo de família⁶ e o muito restrito elenco de próximos⁷ – contando com o escudeiro Grilo⁸, o procurador e o caseiro⁹ – e o narrador homodiegético que o acompanha como amigo¹⁰. Mais ainda, ambos os textos reproduzem

³ Por comodidade metodológica, ambas as obras recorrerão referenciadas neste texto de forma abreviada, como *C* (“Civilização”) e *CS* (*A Cidade e as Serras*) nas citações de corpo de texto e de notas de rodapé.

⁴ O primeiro capítulo é enviado a 14-02-1894, com a promessa de que a obra teria apenas quatro capítulos; até Maio, seguir-se-ão mais dois extensos capítulos, sem apontar para uma previsível conclusão; numa carta de 17-05-1894, reagindo com surpresa aos reparos do editor, Eça dirá a Mathieu Lugan que não fez tão substanciais alterações ao primitivo projeto, e que a obra se comporá de cinco capítulos, três dos quais já entregues: vd. Castilho 1983 2: 316-317.

⁵ Em 1900, o autor deixa compostas e revistas cerca de 65% das páginas da novela; a pedido da viúva, Ramalho Ortigão encarrega-se, com o apoio de Luís de Magalhães, da interpretação e revisão do manuscrito que dará origem à versão definitiva, numa abordagem que Helena Cidade Moura considera “longe do que hoje nos pede o respeito pela obra literária” (“Nota final à edição, *CS*: 259).

⁶ Sobressai, no círculo da família reduzida, que se vai dissolvendo com o tempo, a figura protetora e supersticiosa da mãe (*C*) ou da avó (*CS*) e o excesso de riquezas, de luxos e de livros).

⁷ Em *CS*: 15, esclarece-se que o círculo de amigos incluía três pessoas, contando com o narrador e o velho escudeiro preto, o Grilo.

⁸ Em *CS*, herdado das vinculações serviçais do avô; o Grilo surge na novela replicado, num constante mecanismo de ampliação que evoca os duplos homéricos, pelo Anatole: “Já lá temos certamente criados, o cozinheiro de Lisboa... Eu só levo o Grilo, e o Anatole que enverniza bem o calçado, e tem jeito como pedicuro...” (*CS*: 126).

⁹ Em *C*, o procurador Sousa e o caseiro Zé Brás; em *CS*, o Procurador Silvério e o caseiro Melchior.

¹⁰ Em *C*, o narrador homodiegético (“Eu”, a 1ª palavra do conto, relativamente ao “amigo”, “meu camarada”, *C*: 253) é regularmente anónimo (excetua-se *C*: 271: “Que lhes importava a eles que um de nós fosse José e o outro Jacinto?”). Em *CS*, o nome explicitado do narrador, Zé Fernandes (“José Fernandes, sobrinho de uma família aristocrática (Fernandes Lorena de Noronha e Sande”, *CS*: 10) parece encontrar fundamento na tendência ficcionadora de Eça, a

de forma muito similar não só o enquadramento temporal da narrativa, o tempo de mocidade dos dois amigos (registado no discurso do narrador homodiegético como matéria de inspiração literária), mas também a sua moldura espacial, assente numa estrutura antitética, que opõe de um lado a grande cidade cosmopolita onde nasceu e sempre viveu Jacinto¹¹, e do outro a propriedade rústica¹² que ele se vê obrigado a visitar.

A narrativa decorre também em ambas as ficções como o registo memorialístico das circunstâncias biográficas que definem o carácter do protagonista: marcado desde o nascimento por uma hiperbólica abundância de recursos¹³, Jacinto empenha-se em multiplicar à sua volta todos os confortos materiais e espirituais disponíveis; esse hiperbólico acumular de meios técnicos e saberes, sempre efémeros e inevitavelmente falíveis, acentua, no entanto, ao seu espírito inquieto a angústia do vazio e a tentação iniludível de um profundo pessimismo. A circunstância excepcional de ter de cumprir um imperativo familiar, deslocando-se deste espaço hipercivilizado de soberbo cosmopolitismo, onde ele apenas se entedia, a uma das suas propriedades rústicas que não conhece, ocorre como a peripécia que leva à mudança dramática do contexto, e da mundividência estreita da personagem. Privado de todos os recursos – que pretendia transferir da metrópole para a humildade “alpestre”¹⁴ da serra (acidentalmente desviados na itinerância para outro destino) – Jacinto terá pois de se acomodar a uma nova forma de vida, que conseguirá reavivar nele o entusiasmo para novos projetos.

O cotejo básico das duas narrativas permite detetar não só idênticos referentes diegéticos, mas também, implícito num esquema dialético hegeliano básico, a oposição e correção de uma primeira tese (a supremacia da Civilização sobre a Natureza garante que só a primeira propicia ao homem felicidade), pela

criar regularmente embaraços no clima de ambiguidade com que premeia o leitor: notar que *José Maria d’Eça de Queirós* foi, na verdade, criado pela madrinha Ana Joaquina Leal de Barros, casada com António *Fernandes* do Carmo.

¹¹ Em *C* a capital portuguesa, onde ele habita o opulento palácio Jasmineiro, de nome fragante (que de alguma forma ecoa, por um mecanismo expressivo de metonímia, o nome do seu proprietário); e em *CS* Paris, onde ele enriquece de um hiperbólico luxo o palácio herdado dos avós, o 202.

¹² Em *C*, Torges, perto de Goães, ao Norte; em *CS*, Tormes, perto de Guiães, ao Norte.

¹³ Em *C*, o rico Jacinto (com quarenta contos de renda) vive, protegido pelos bons fluídos que a mãe sobre ele espalha desde a nascença, no Jasmineiro, um palácio que o pai construíra em Lisboa “sobre uma honesta casa do séc. XVII”, onde goza de todos os luxos, incluindo o da Biblioteca, instalada em duas salas, com vinte e cinco mil volumes (*C*: 225–226); em *CS*, herdeiro de uma renda de cento e nove contos, o Príncipe da Grã-Ventura vive em Paris, num luxuoso palácio dos Champs Elisées, cuja majestosa Biblioteca vai crescendo, dos trinta mil aos setenta mil volumes (*CS*: 11, 26, 96, 117).

¹⁴ Vd. a citada carta a D. Emília de Castro (2.6.1998), onde nota que os pequenos adorariam “sítio tão alpestre”: Castilho 1983 2: 459.

demonstração da sua antítese (a Civilização é falível¹⁵ e não conduz à felicidade), e pela produção matizada de uma nova síntese (o regresso à Natureza¹⁶ permite ao homem encontrar o seu enquadramento mais humanizante, num prudente equilíbrio entre a Natureza e a Civilização).

A recriação ficcional do pretexto diegético processa-se, como de costume no ficcionar queirosiano, por um gradual mecanismo de expansão, que enriquece de excecionais potencialidades estilístico-simbólicas os cinco magros capítulos do conto, articulados em 24 páginas, no requinte de detalhes da novela, estruturada em dezasseis capítulos, com extensão de 242 páginas. Assim, contrapondo-se às primeiras 28 linhas do primeiro capítulo¹⁷ de 5 páginas do conto, com as informações pontuais sobre a excepcional ventura que desde sempre bafeja Jacinto, nascido “num palácio, com quarenta contos de renda em pingues terras de pão, azeite e gado” (C: 225), mimado pelos cuidados crédulos da mãe, dono de uma saúde e de uma sensibilidade sólidas, feliz nos afetos – a novela amplifica num capítulo inteiro de 13 páginas¹⁸ a hiperbólica extensão da fortuna do protagonista,

O meu amigo Jacinto nasceu num palácio, com cento e nove contos de renda em terras de sementeira, de vinhedo, de cortiça e de olival. No Alentejo, pela Estremadura, através das duas Beiras, densas sebes ondulando por colina e vale, muros altos de boa pedra, ribeiras, estradas, delimitavam os campos desta velha família agrícola que já entulhava o grão e plantava cepa em tempos de el-rei D. Dinis. A sua quinta e casa senhorial de Tormes, no Baixo Douro, cobriam uma serra. Entre o Tua e o Tinhela, por cinco fartas léguas, todo o torrão lhe pagava foro. E cerrados pinheirais seus negrejavam desde Arga até ao mar de Âncora. Mas o palácio onde Jacinto nascera, e onde sempre habitara, era em Paris, nos Campos Elísios, nº 202. (CS: 11).

O tema da herança permite, nesse enquadramento, detalhar os antecedentes familiares, desde a motivação histórica do exílio dos avós, D. Jacinto Galeão e

¹⁵ O falir consecutivo das aparelhagens do conto – fonógrafos (C: 227-228), elevadores (C: 230) torneiras (C: 232) – antecipa paralelos falhanços na novela, descritos com a amplitude dramática de autênticas catástrofes técnicas (torneiras, CS: 45; teatrofone, CS: 64-65; elevadores, CS: 68-71); o episódio da falência do fonógrafo riscado, no conto, parece ecoar uma discreta alusão à insistência da voz oracular de Orfeu, já decapitado e lançado ao mar.

¹⁶ O matiz da tese acerca da supremacia da civilização sobre a natureza embrutecedora tem muito de irónico na sua conclusão: no conto, depois de se dedicar à leitura exaustiva de setenta e sete volumes sobre a evolução da moral dos negróides (do cômputo dos 25 mil volumes da sua Biblioteca), e de ter instalado a luz elétrica nos jardins, Jacinto movido pela iniludível necessidade de ir ao norte, ao seu velho solar de Torges (numa jornada agreste que ecoa também o D. Quixote, C: 263-264), converte-se à mais exemplar simplicidade; o amigo regressa à Capital uns tempos depois, a recolher no palácio vazio três volumes simples, uma *Vida de Buda*, uma *História da Grécia*, e as *Obras de S. Francisco de Sales*. A oposição entre a cidade e o campo tinge-se ainda na novela dessa notação de vitória do torrão natal sobre o exílio no estrangeiro.

¹⁷ C: 225-230.

¹⁸ CS: 11-24.

D. Angelina Fafes, da casa da Avelã, até à errática história dos amores paternos, fatalmente interrompida pela morte, antes do nascimento da criança; é pois o cuidado tutelar da avó que desde o berço, *espalhando funcho e âmbar*¹⁹, confirma a sólida saúde e indefetível sorte do menino, venturosamente imune a todos os desastres do acaso, e propenso à confortável busca da felicidade através da incansável coleção de todos os meios disponibilizados pela técnica e pela ciência.

Por um sábio mecanismo de antecipação dramática, o narrador, identificado pelo nome (José Fernandes) e pela vinculação familiar a uma das casas da nobreza nortenha (Noronha de Sande), vê-se coagido por um luto familiar (a morte do tio) a regressar ao torrão natal, afastando-se por sete anos de Paris e do luxuoso 202; o reencontro com o amigo, e a percepção de como o excessivo acumular de civilização vai aniquilando a sua venturosa tranquilidade será objeto, na novela, de um segundo capítulo de 11 páginas²⁰.

Os episódios mais relevantes seguem em ambas as narrativas uma sequenciação cronológica paralela, mas a sua expressividade vai sendo reequacionada com expansões de notável amplitude simbólica. O segundo capítulo do conto, sintetizado em três páginas²¹, merece na novela desenvolvimentos detalhados em cinco capítulos individuais: nas 14 páginas do terceiro capítulo²² requintam-se os pormenores da tirania técnica e social no quotidiano do palácio; o quarto capítulo²³, elaborando minuciosamente em 20 páginas a cena de preparação e execução do Jantar de Homenagem ao Grão Duque²⁴, a partir do qual pode “folhear-se Paris num resumo” (CS: 53)²⁵, oferece enquadramento para a descrição satírica das tertúlias cultas, e para nova falência técnica²⁶; o quinto capítulo²⁷, antecipando a agitação da futura preparação da viagem, encena a tribulação de muitas obras no 202²⁸; faz-se aqui também um desvio narrativo, para introduzir

¹⁹ Em C: 225, à mãe, “senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes”, competia esse esforço de espalhar, “para reter as Fadas Benéficas, funcho e âmbar”.

²⁰ CS: 25-35.

²¹ C: 230-233.

²² CS: 37-51.

²³ Ibid.: 53-73.

²⁴ “Por causa do Grão-Duque, coitado, que me vai mandar um peixe delicioso e muito raro que se pesca na Dalmácia. Eu queria um almoço curto. O grão-duque reclamou uma ceia. É um bárbaro, besuntado com literatura do século XVIII, que ainda acredita em ceias, em Paris! Reúno no domingo três ou quatro mulheres, e uns dez homens bem típicos, para o divertir. Também aproveitas. Folheias Paris num resumo... Mas é uma maçada amarga!” (Ibid.: 53)

²⁵ “Só falta aqui um general e um bispo! Com efeito! Todas as classes dominantes comiam nesse momento as trufas do meu Jacinto...” (Ibid.: 66).

²⁶ A do elevador, que no conto ainda se integrava no primeiro capítulo (C: 230).

²⁷ CS: 75-78.

²⁸ Acumulam-se as cenas, eivadas de cómico, em que se descrevem as minuciosas aquisições de instrumentos inimagináveis, o mais das vezes fadados à falência: “Durante os calores, que apertaram depois da Ascensão, ensaiámos esperançadamente, para refrescar as águas minerais, a Soda-Water e os Medocs ligeiros, três geleiras, que se amontoaram na copa sucessivamente des-

o tema romântico das paixões (de Zé Fernandes por Madame Colombe), que permitirá nos capítulos seguintes (sexto²⁹; e sétimo³⁰), na moldura de um inequívoco diletantismo espiritual, aflorar as relações adúlteras de Jacinto com Madame de Oriol, e preparar por antecipação a conclusão romântica e feliz da novela; o sétimo capítulo inaugura, com o novo afastamento de Zé Fernandes em romaria cultural pela Europa, a distância necessária à percepção de que se agrava o pessimismo de Jacinto, alicerçado na leitura de Schopenhauer e do Eclesiastes (*CS*: 111) e volta a introduzir, por antecipação dramática, o tema relevante da viagem e da mudança. Enquanto o conto espartilha em dois breves capítulos sucessivos (terceiro³¹ e quarto³²) de cinco páginas cada um a preparação épica³³ e a realização dramática da viagem (com nova falência técnica dos transportes e do conhecimento humano) até à serra, e a entrada insólita do senhor nos seus domínios, a novela concentra num só (o oitavo³⁴), muito amplo (cerca de 40 páginas), esse enquadramento narrativo de excecional centralidade³⁵. E as seis páginas do último

prestigiadas. Com os morangos novos apareceu um instrumentozinho astuto, para lhes arrancar os pés, delicadamente. Depois recebemos outro, prodigioso, de prata e cristal, para remexer freneticamente as saladas; e, na primeira vez que o experimentei, todo o vinagre esparrinhou sobre os olhos do meu Príncipe, que fugiu aos uivos! Mas ele teimava... Nos atos mais elementares, para aliviar o apressar o esforço, se socorria Jacinto da Dinâmica. E agora era por intervenção de uma máquina que abotoava as ceroulas.” (Ibid.: 76).

²⁹ Ibid.: 89-101.

³⁰ Ibid.: 103-118

³¹ C: 233-238.

³² Ibid.: 238-243.

³³ Na descrição dessa mudança, ou tentativa ingênua de translação dos confortos da vida citadina para o novo espaço rústico da sua supostamente breve estância, o narrador inflete o caudal generoso da sua ironia: “Jacinto, logo nos começos de Março, escrevera cuidadosamente ao seu procurador Sousa, que habitava a aldeia de Torges, ordenando-lhe que compusesse os telhados, caiasse os muros, envidraçasse as janelas. Depois mandou expedir, por comboios rápidos, em caixotes que transpunham a custo os portões do Jasmineiro, todos os confortos necessários a duas semanas de montanha – camas de penas, poltronas, divãs, lâmpadas de Carcel, banheiras de níquel, tubos acústicos para chamar os escudeiros, tapetes persas para amiar os soalhos. Um dos cocheiros partiu com um cupé, uma vitória, um breque, mulas e guizos”. (Ibid.: 233). “Depois foi o cozinheiro, com a bateria, a garrafeira, a geleira, bocais de trufas, caixas profundas de águas minerais. Desde o amanhecer, nos pátios largos do palacete, se pregava, se martelava, como na construção de uma cidade. E as bagagens, desfilando, lembravam uma página de Heródoto ao narrar a invasão persa. Jacinto emagrecera com os cuidados daquele Êxodo. Por fim, largámos numa manhã de Junho, com o Grilo e trinta e sete malas.” (Ibid.: 234).

³⁴ *CS*: 119-156.

³⁵ “Começou então no 202 o colossal encaixotamento de todos os confortos necessários ao meu Príncipe para um mês de serra áspera (...) (*CS*: 123) De todos os armazéns de Paris chegavam cada manhã fardos, caixas, temerosos embrulhos que os emaladores desfaziavam, atulhando os corredores de montes de palha e de papel pardo, onde os nossos passos açodados se enrodilhavam. O cozinheiro, esbaforido, organizava a remessa de fornalhas, geleiras, bocais de trufas, latas de conservas, bojudas garrafas de águas minerais. Jacinto, lembrando as trovoadas da serra, comprou um imenso pára-raios. Desde o amanhecer, nos pátios, no jardim, se martelava, se pregava, com vasto fragor, como na construção de uma cidade. É o desfilar das bagagens, através

capítulo (o quinto³⁶) do conto merecerão na novela sete capítulos sucessivos³⁷, em cujos desenvolvimentos narrativos, de forma mais ou menos breve, e intensa, se multiplicam, coadjuvadas pelo narrador, as movimentações do protagonista, revelando a profunda metamorfose operada na sua mundividência e personalidade. O mais amplo enquadramento narrativo da novela permite desenvolver espaços de reflexão filosófica: é através deles que se discutem, entre outros, o tema da felicidade humana, e o da urgência da revolução social.

2. O TEMA ALIMENTAR NA DESCRIÇÃO DAS PERSONAGENS

Desde o binómio simplificado da trama narrativa, entre a desumanização materialista da Cidade-Civilização, e a espiritualidade redentora da Serra-Natureza, ambas as narrativas se entrecruzam por uma ampla esfera de notações simbólicas. Para essa riqueza expressiva, marcada pelo hiperbolizante esforço de distanciar o cosmopolitismo da metrópole (Lisboa/Paris) da humildade da propriedade rural, na serra, concorrem poderosamente as referências temáticas

do portão, lembrava uma página de Heródoto contando a marcha dos Persas” (Ibid.: 124); “O Grilo e o Anatole seguiam num fiacre atulhado de livros, de estojos, de paletós, de impermeáveis, de travesseiras, de águas minerais, de sacos de couro, de rolos de mantas: e mais atrás um ónibus rangia sob a carga de vinte e três malas. Na estação, Jacinto ainda comprou todos os jornais, todas as ilustrações, horários, mais livros, e um saca-rolhas de forma complicada e hostil. Guiados pelo chefe do tráfico, pelo secretário da Companhia, ocupámos copiosamente o nosso salão. Eu pus o meu boné de seda, calcei as minhas chinelas. Um silvo varou a noite. Paris lampejou, fulgiu num derradeiro clarão de janelas... Para o sorver, Jacinto ainda se arremessou à portinhola. Mas rolávamos já na treva da Província.” (Ibid.:129).

³⁶ C: 243-249.

³⁷ Cap. IX, CS: 159-189 (Zé Fernandes parte para Guiães; três semanas depois nota que o fidalgo permanece nas suas propriedades; visita-o e nota a conversão; encontro; teorizações novas; Grilo resume tudo a “muita magreza” (CS: 162); jantar de cabrito assado; o pessimismo e o otimismo; duas semanas de intervalo até às cerimónias de trasladação; três semanas de visitas; desejo de plantar; desejo de produzir queijos; passeios pela serra; leituras: *Ilíada e Odisseia*; familiaridade com as pessoas); Cap. X, CS: 191-202 (Chuvas e empreitada nos campos; confronto com a miséria dos seus assalariados; revolução interior: decisão de investir no bem estar dos outros); Cap. XI, CS: 203-208 (visitas mútuas; começa a falar-se de companhia feminina; decisão de construir escolas e boticas; fama da benevolente generosidade do senhor); Cap. XII, CS: 209-214 (aniversário de Zé Fernandes; preparativos da festa; a prima Joana não pode vir; visita à propriedade); Cap. XIII, CS: 215-225 (a festa e seus dissabores; memórias mal interpretadas e interpretações políticas erradas); Cap. XIV, CS: 227-234 (passeio à Flor da Malva; encontro com o velho João Torrado, que aclama a generosidade inesgotável de Jacinto; encontro com a Joaninha: resumo projetivo do casamento em Maio seguinte); Cap. XV, CS: 235-237 (cinco anos depois, vida de felicidade familiar; Jacinto é pai de duas crianças e marido extremo; comentário do Grilo: “sua Excelência brotou”); Cap. XVI, CS: 239-253 (adiamentos sucessivos da ida a Paris em família; Joana engravidada pela 3ª vez; Zé Fernandes vai sozinho; reencontra Marizac, o grão duque, e as vicissitudes do progresso; discurso social; o Bosque; o Grand Hotel; regresso à Serra, reencontro; síntese).

ao contexto alimentar e gastronómico, já recorrentemente notadas pela crítica literária como motivo obsidante no imaginário queirosiano.

O tema da abundância ou carência alimentar contamina imagetivamente os traços descritivos (exteriores ou interiores) das personagens e da realidade circundante.

a) Descrição direta – gordura e magreza

Por um mecanismo expressivo de sinédoque, a abundância de recursos familiares do protagonista aparece regularmente conotada com a obesidade dos parentes. Enquanto no conto a mãe de Jacinto surge como “senhora gorda e crédula de Trás-os-Montes” (C: 225), na novela soma-se à figura da “amorável avó”, que o narrador conheceu “obesa, com barba” (CS: 16), o avô, “aquele gordíssimo e riquíssimo Jacinto a quem chamavam em Lisboa o «D. Galeão» (CS: 11); “o nédio senhor” (CS: 13) transforma-se por um incidente anódino num miguelista fanático³⁸; sempre a correr, “o barrigudo senhor, sacudido na sua sege amarela, do botequim do Zé Maria em Belém à botica do Plácido nos Algibebes” (CS: 12), entusiasma-se com a perspectiva de mandar “recoveiros a Santo Tirso, a S. Gens, levar ao Rei fiambres, caixas de doce, garrafas do seu vinho de Tarrafal, e bolsas de retrós atochadas de peças que ele ensaboava para lhes avivar o ouro”(CS: 12); assumindo voluntariamente por razões políticas o exílio³⁹, instalado em Paris,

sob o pesado ouro dos seus estuques, entre as suas ramalhudas sedas se enconchou, descansando de tantas agitações, numa vida de pachorra e de boa mesa, com alguns companheiros de emigração (...), até que morreu de indigestão, de uma lampreia de escabeche que lhe mandara o seu procurador em Montemor (CS: 13).

A filha de Jacinto, resultado feliz da sua relação amorosa com uma “lavradeirona tão rechonchuda” (CS: 122) – afinal, da família de Zé Fernandes, “a prima Joaninha, de Sandofim, da Casa da Flor da Malva” (CS: 122)⁴⁰ – acabará por sua vez por ser uma “uma gorda e vermelha Teresinha” (CS: 235).

Várias personagens do círculo social em que se move Jacinto são obsessivamente retratadas com referências do universo gastronómico, que combinam os recorrentes mecanismos queirosianos da adjetivação expressiva. No ambiente sofisticado da metrópole, Madame d’Orioll é, na verdade, uma “deliciosa criatura” (CS: 49), dotada de uma “carne macia, de uma brancura de nata fina” (CS: 66);

³⁸ “Desde essa tarde amou aquele bom Infante como nunca amara, apesar de tão guloso, o seu ventre, e apesar de tão devoto o seu Deus!” (CS: 12).

³⁹ A alusão inicial ao desterro dos avós (Ibid.: 12-13) surge como uma paródia bíblica das dificuldades da Sagrada Família a encontrar abrigo.

⁴⁰ No conto, repetindo o mesmo esquema habitual do regular anonimato das personagens, apenas referenciada como “uma forte, sã e bela rapariga de Goães” (C: 248).

o marido “um rapaz gordalhufo indolente, de uma brancura crua de toucinho, com uma calvície já séria e já lustrosa, constantemente acariciada pelos seus gordos dedos carregados de anéis” (CS: 106); o conde de Trèves, “um homem esgrouviado, de face rechupada, eriçada de barba rala, sob uma fronte rotunda e amarela como um melão” (CS: 59); o diretor do “Boulevard”, “lento e barrigudo” (CS: 60); “o grande Dornan (...) espapado nas almofadas, com unidos pés sob a coxa gorda, como um deus índio, dois botões do colete desabotoados, a papeira caída sobre o largo decote do colarinho, mamava⁴¹ majestosamente um imenso charuto” (CS: 60); “o poeta idealista (...) impassível, na sua majestade obesa” (CS: 61), com “o gordo pescoço encovado (CS: 70)⁴².

Frequentemente também, por um apurado apelo metafórico, a figuração das personagens requinta-se de pinceladas burlescas, fundadas em referentes nutritivos: nas tertúlias do 202, o conde de Trèves surpreende com “uma fronte rotunda e amarela como um melão” (CS: 59); circula anónimo “um homem de barba cor de milho e mais leve que uma penugem, que se balouçava gracilmente sobre os pés, como uma espiga ao vento” (CS: 61). Os colos das senhoras, “carne macia, de uma brancura de nata fina” (CS: 66), arfam “como uma onda de leite” (CS: 64), apimentando⁴³ o apetite masculino.

Também no contexto campestre da serra surge naturalmente, nas descrições das personagens, o suporte do imaginário alimentar: a par das descrições individuais, como a do chefe da estação em Torges, um anónimo “moço gordo e redondo, com cores de maçã camoesa” (C: 235), dotado de “ombros nédios” (C: 235); ou a do ex-condiscípulo Pimentinha de Tormes⁴⁴, recorrem ainda as notas coletivas dos grupos, indiretamente descritos pelas suas ocupações humildes:

A quinta fica nas serras – e a rude casa solarenga, onde ainda resta uma torre do século XV estava ocupada, havia trinta anos pelos caseiros, boa gente de trabalho, que comia o seu caldo entre a fumarça da lareira e estendia o trigo a secar nas salas senhoriais (C: 233).

⁴¹ Vd. ainda, sobre a mesma personagem, “esboroado sobre a mesa, cerrara as pálpebras, numa meditação de monge obeso” (CS: 64); “E inclinando para mim a sua face de apóstolo obeso” (Ibid: 66); “Dornan, alastrado numa cadeira de ferro, sob um espinheiro em flor, mamava o seu imenso charuto” (Ibid.: 128).

⁴² A par das figuras da cidade, também na serra o filtro de apreciação repete esquemas imagéticos: “E pede ao Pimenta, ao gordalhufo, que me avise para Guiães” (Ibid: 153); “Melchior, estonteado, com o sangue a espirrar na nédia face de abade, correu para nós” (Ibid: 146).

⁴³ “Todos os olhos se acendiam, se cravavam no lindo peito, a que a flor disforme, de cor venenosa, apimentava o sabor.” (Ibid.: 66).

⁴⁴ “Avistei com gosto a imensa barriga, as bochechas menineiras do chefe da estação, o louro Pimenta, meu condiscípulo em Retórica, no Liceu de Braga. (...) A bojuda massa do Pimenta rebolou para mim com amizade” (Ibid.: 138). Veja-se ainda a “resistência reboluda e escorregadia do Melchior” (CS: 187).

7. Para uma história da civilização: a polarização da mesa entre a cidade e o campo

Mas os caseiros, que lá vivem há trinta anos, dormem em catres, comem o caldo à lareira, e usam as salas para secar o milho (CS: 120).

Contrastando expressivamente com a notação da obesidade, a magreza surge por regra como indicio fundamental de indigência. Na visita aos arrabaldes da cidade, sugerida por Zé Fernandes ao amigo como alternativa às entediadas cartografias da sociabilidade aristocrática, oferecer-se-á o pretexto para debater filosoficamente⁴⁵ as ilusões impostas pela vida em sociedade ao homem, que “pensa ter na Cidade a base de toda a sua grandeza e só nela tem a fonte de toda a sua miséria” (CS: 91). Estribando-se entre os dois polos da grandeza e da miséria humana, recorrem, metonimicamente, as notações da obesidade e da magreza:

Vê, Jacinto! Na Cidade perdeu ele a força e beleza harmoniosa do corpo, e se tornou esse ser ressequido e escanifrado ou obeso e afogado em unto, de ossos moles como trapos, de nervos trémulos como arames, com cangalhas, com chinós, com dentaduras de chumbo, sem sangue, sem febra, sem viço, torto, corcunda – esse ser em que Deus, espantado, mal pode reconhecer o seu esbelto e rijo e nobre Adão! (CS: 91).

Transitoriamente entrevista pelo pessimismo do protagonista no desalentado passeio ao Sacré Coeur, cenário não habitualmente frequentado, a miséria

⁴⁵ O enquadramento alimentar tende, sobretudo nos desenvolvimentos reflexivos da novela, a emprestar às diletantes tertúlias filosóficas das personagens o enquadramento, muitas vezes irónico. Vd., a propósito: “Pelo menos assim Jacinto formulava copiosamente a sua Ideia, quando conversávamos de fins e destinos humanos, sorvendo bocks poeirentos, sob o toldo das cervejarias filosóficas, no Boulevard Saint-Michel” (Ibid.: 17); “Aqui tens tu, Zé Fernandes – começou Jacinto, encostado à janela do mirante – a teoria que me governa, bem comprovada. Com estes olhos que recebemos da Madre natureza, lestos e sãos, nós podemos apenas distinguir além, através da avenida, naquela loja, uma vidraça iluminada. Mais nada! Se eu porém aos meus olhos juntar os dois vidros simples de um binóculo de corridas, percebo, por trás da vidraça, presuntos, queijos, boiões de geleia e caixas de ameixa seca. Concluo portanto que é uma mercearia.” (Ibid.: 18); “A religião! A religião é o desenvolvimento sumptuoso de um instinto rudimentar, comum a todos os brutos, o terror. Um cão lambendo a mão do dono, de quem lhe vem o osso ou o chicote, já constitui toscamente um devoto, o consciente devoto, prostrado em rezas perante o Deus que distribui o Céu ou o Inferno!...” (Ibid.: 19); “Nesses reinos crassos do Vegetal e do Animal duas únicas funções se mantêm vivas, a nutritiva e a procriadora. Isolada, sem ocupação, entre focinhos e raízes que não cessam de sugar e de pastar, sufocando no cáldo bafo da universal fecundação, a sua pobre alma toda se engelhava, se reduzia a uma migalha de alma, uma fagulhazinha espiritual a tremeluzir, como morta, sobre um naco de matéria; e nessa matéria dois instintos surdiam, imperiosos e pungentes, o de devorar e o de gerar” (Ibid.: 20); “A sua tranquilidade (bem tão alto que Deus com ela recompensa os santos) onde está, meu Jacinto? Sumida para sempre, nessa batalha desesperada pelo pão, ou pela fama, ou pelo poder, ou pelo gozo, ou pela fugidia rodela de ouro! Alegria como a haverá na Cidade para esses milhões de seres que tumultuam na arquejante ocupação de desejar – e que, nunca fartando o desejo, incessantemente padecem de desilusão, desesperança ou derrota? Os sentimentos mais genuinamente humanos logo na Cidade se desumanizam!” (Ibid.: 92).

esfomeada impor-se-á no cenário rural à sua consciência como realidade quotidiana que urge mudar.

Em redor, a Natureza e o Trabalho tinham, através de anos, ali acumulado trepadeiras e flores silvestres, e cantinhos de horta, e sebes cheirosas, e velhos bancos roídos de musgo, e panelas com terra onde crescia salsa, e regueiros cantantes, e vinhas nos olmos, e sombras e charcos, que tornavam deliciosa, – para uma écloga, aquela morada da Fome, Doença e Tristeza (*CS*: 196).

A percepção “desta miséria unsuspeitada” (*CS*: 195) propiciará, pois, desenvolver, sobretudo na mais ampla formulação narrativa da novela, um verdadeiro espaço de reflexão filosófica, a equacionar como tema de fundo a urgência de uma revolução social⁴⁶, protagonizada por espíritos generosos, que manifestem a disponibilidade de estabelecer a justiça, mitigando pela partilha dos bens a miséria dos mais pobres⁴⁷. Essa revolução torna-se prioritária não só na organização macrocéfala da cidade, mas também no contexto peculiar da propriedade rústica, onde o protagonista, sensível à fome das crianças e à debilidade dos adultos, prescinde do inexequível e quimérico projeto da queijaria, “de cristal e porcelana, para fabricar queijinhos que custariam cada um duzentos mil réis!” (*CS*: 235), para instaurar o da renovação das condições de vida dos assalariados, através da construção de casa, escolas e boticas.

b) Descrição indireta- riqueza e miséria

Os campos semânticos do paladar e da digestão enformam muitas vezes metafórica e sinestesticamente a percepção de todo o prazer ou da sua degenerada falência⁴⁸: por isso, não se estranha saber que, outrora, em “lentos e errantes passeios” Jacinto “mais intensamente e mais minuciosamente saboreava a Cidade”

⁴⁶ O tema da justiça social também encontra o seu mais básico motor na ambivalência entre a mesa farta ou falha; quer no enquadramento cosmopolita da cidade (Lisboa/Paris), quer na moldura agreste da Serra, em Guiães do Douro.

⁴⁷ “Mas já Vossa Excelência vê, esta gatinha é pobre!... Tomaram eles para pão, quanto mais para remédios!” (*CS*: 194); “Que quer Vossa Excelência? Mal comido, muita miséria... Quando há o bocadito de pão aquilo é para o rancho. Muita fomezinha, muita fomezinha. Jacinto pulou bruscamente da borda do carro. – Fome? Então ele tem fome? Mas há aqui fome? Os seus olhos rebrilhavam, num espanto comovido, em que pediam, ora a mim, ora ao Silvério, a confirmação desta miséria unsuspeitada” (Ibid.: 195); “– Pois está bem de ver, meu senhor, que há aqui na quinta caseiros que são muito pobrinhos – quase todos. Isso vai por aí uma miséria, que se não fosse alguma ajuda que se lhes dá, nem eu sei... Este Esgueira, com o rancho de filhos, é uma desgraça... Havia Vossa Excelência de ver as casitas em que eles vivem... São chiqueiros. A do Esgueira, acolá, ao pé da figueira” (Ibid.: 195-196); “– Que miséria, Zé Fernandes, eu nem sonhava... Haver por aí, à vista da minha casa, outras casas, onde crianças têm fome! É horrível...” (Ibid.: 201).

⁴⁸ Vd., por ex., “E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, tabuletas, tabuletas...” (Ibid.: 42).

(CS: 41), ou que excepcionalmente lhe ocorra dormir “deliciosamente” (CS: 182), ou andar

(...) todo no esplêndido apetite de uma horta que ele concebera, imensa horta ajardinada, em que todos os legumes, clássicos ou exóticos, cresceriam, soberbamente, em vistosos talhões, fechados por sebes de rosas, de cravos, de alfazema, de dalias. A água das regas desceria por lindos córregos de louça esmaltada. Nas ruas, a sombra cairia de densas latadas de moscatel, pousando em esteios revestidos de azulejo. E o meu Príncipe desenhara o plano desta espantosa horta, a lápis vermelho, num papel imenso, que o Melchior e o Silvério, consultados, longamente contemplaram, – um coçando risonhamente a nuca, o outro com os braços duramente cruzados, e o sobrolho trágico. Mas este plano, o da queijaria, o da capoeira, e outro, sumptuoso, de um pombal tão povoado que todo o céu de Tormes às tardes se tornaria branco e todo fremente de asas – não saíam das nossas gostosas palestras, ou dos papéis em que Jacinto os debuxava, e que se amontoavam sobre a mesa, platónicos, imóveis, entre o tinteiro de latão e o vaso com flores (CS: 186).

Particularmente produtivas na destrinça dos estados afetivos das personagens, sobretudo no contexto da artificialíssima rede de relações da sociedade aristocrática, e seus mecanismos de fingimento e manipulação, sempre na mira cáustica do autor, são as metáforas recorrentes da doçura do mel⁴⁹, dos rebuçados⁵⁰, e da gula⁵¹, ou as opostas, do sal⁵² e do picante⁵³.

⁴⁹ “Do amor só experimentara o mel – esse mel que o amor invariavelmente concede a quem o pratica, como as abelhas, com ligeireza e mobilidade” (C: 225); “Sem coração bastante forte para conceber um amor forte, e contente com esta incapacidade que o libertava, do amor só experimentou o mel – esse mel que o amor reserva aos que o recolhem, à maneira das abelhas, com ligeireza, mobilidade e cantando” (CS: 15); “Mas era necessário o talento, o gosto de Jacinto, para escolher, para «criar!» E não só ao meu amigo (que o recebia com resignação) ela ofertava o fino mel” (Ibid.: 55); “Eu mesmo, que nem sequer entrevira a capa amarela da «Couraça», mas para quem ele voltava os olhos pedinchões e famintos de mais mel, murmurei com um leve assobio: – Uma delícia!” (Ibid.: 57).

⁵⁰ “Mesmo para mim (de quem ignorava o nome) arranjou junto do Fonógrafo, e acerca de “vozes de amigos que é doce colecionar”, uma lisonjinha redondinha e lustrosa, que eu chupei como um rebuçado celeste. Boa casaleira que vai atirando o grão aos frangos famintos, a cada passo, maternalmente, ela nutria uma vaidade. Sôfrego de outro rebuçado, acompanhei a sua cauda sussurrante e cor de açafraão” (Ibid.: 56).

⁵¹ “E Jacinto, por um impulso bem jacintico, caminhou gulosamente para a borda do terraço, a contemplar Paris” (Ibid.: 90); “Releu profundamente o papel de Sua Alteza que os seus dedos acariciavam com uma reverência gulosa” (Ibid.: 49).

⁵² “(...) findara certamente alguma história de bom e grosso sal” (Ibid.: 60).

⁵³ “Todos os olhos se acendiam, se cravavam no lindo peito, a que a flor disforme, de cor venenosa, apimentava o sabor” (Ibid.: 66).

Tocadas pelo mesmo halo simbólico, também outras realidades abstratas (a fantasia⁵⁴, o entusiasmo⁵⁵, o otimismo⁵⁶, o encanto discursivo⁵⁷, um rito fúnebre⁵⁸) surgem expressivamente contaminadas pelo universo da referencialidade alimentar.

Sobretudo no contexto narrativo mais elaborado da novela, tende a reincidir o procedimento expressivo de metaforizar com alimentos e contextos alimentares o tumulto da interioridade afetiva das personagens:

Jacinto pousou com tranquilidade o charuto, eu quase me engasguei, num sorvo alvorçado de café. Entre os reposteiros de damasco cor de morango ela apareceu, toda de negro, de um negro liso e austero de Semana Santa, lançando com o regalo um lindo gesto para nos sossegar. (CS: 47).

Madame d'Oriol, que, sempre sorrindo, se proclamava espoliada, nada encontrara que recorresse as águas furiosas, roçou pela mesa, onde Jacinto procurava, para lhe oferecer, tangerinas de Malta, ou castanhas geladas, ou um biscoito molhado em vinho de Tokai. (CS: 48).

Às vezes, um parágrafo descritivo resume, com grande força expressiva, a partir de um discretíssimo pormenor de conduta e etiqueta gastronômica, a idiossincrasia íntima da personagem. Assim, por exemplo, não passa despercebida a coqueteria de Madame d'Oriol

E de repente reconsiderou – aceitava um biscoito, um cálice de Tokai. Era necessário um cordial para afrontar as emoções do Père Granon! Ambos nos precipitáramos, um arrebatando a garrafa, outro oferecendo o prato de bombons. Franziu o véu para os olhos, chupou à pressa um bolo que ensopara no Tokai (CS: 50).

e o contexto de adúltera frivolidade em que ela desabrocha:

a sua existência, desde casada, consistira em ornar com suprema ciência o seu lindo corpo, entrar com perfeição numa sala e irradiar, remexer em estofos e conferenciar

⁵⁴ “(...) tão pitoresco pela desinquietação filosófica, e pelos pitorescos tormentos da fantasia insaciada (...)” (Ibid.: 235).

⁵⁵ “Mas quando a derradeira caixa, pregada e cintada de ferro, saiu do portão do 202 na derradeira carroça da Companhia dos Transportes, toda esta animação de Jacinto se abateu como a efervescência num copo de champanhe” (Ibid.:125).

⁵⁶ “Nem este meu supercivilizado amigo compreendia que longe (...) de dois milhões de uma vaga humanidade, fervilhando, a ofegar, através da Polícia, na busca dura do pão ou sob a ilusão do gozo – o homem do século XIX pudesse saborear, plenamente, a delícia de viver! (Ibid.: 19); “(...) e na Cidade, na simbólica Cidade, fora de cuja vida culta e forte (como ele outrora gritava, iluminado) o homem do século XIX nunca poderia saborear plenamente a «delícia de viver», ele não encontrava agora forma de vida, espiritual ou social, que o interessasse, lhe valesse o esforço de uma corrida curta numa tipoia fácil”. (Ibid.: 85).

⁵⁷ “Ele sorriu à minha deliciosa pilhéria (...)” (Ibid.: 243).

⁵⁸ “– E então, Zé Fernandes, que te pareceu a cerimoniázinha? – Muito campestre, muito suave, muito risonha... Uma delícia.” (Ibid.: 174).

7. Para uma história da civilização: a polarização da mesa entre a cidade e o campo

pensativamente com o grande costureiro; rolar pelo *Bois* pousada na sua vitória como uma imagem de cera; decotar e branquear o colo, debicar uma perna de galinhola em mesas de luxo, fender turbas ricas em bailes espessos; adormecer com a vaidade esfalfada; percorrer de manhã, tomando chocolate, os *Ecots* e as Festas do «*Figaro*»; e de vez em quando murmurar para o marido: “Ah, és tu?...” (CS: 104).

Algumas vezes, as alusões alimentares – sobretudo as mais excêntricas e refinadas – concorrem para desvelar ironicamente, sob o verniz cortês de uma aparente aristocracia, a brutalidade animal das personagens. Assim, no início do jantar oferecido ao Grão-Duque, Dornan permanece espapaçado nos salões, “no tédio sombrio de fera a quem arrancaram a posta” (CS: 70), e no final, estimulados pela aventura picaresca da pescaria do jantar, nos elevadores avariados,

Quando se serviram ortolans gelados, que se derretiam na boca, o divino poeta murmurou, para meu regalo, o seu soneto sublime a Santa Clara. E como, do outro lado, o rapaz de penugem loura insistia pela destruição do velho mundo, também concordei, e, sorvendo o champanhe coalhado em sorvete, maldissemos o Século, a Civilização, todos os orgulhos da Ciência! Através das flores e das luzes, no entanto, eu seguia as ondas arfantes do vasto peito de Madame Verghane, que ria como uma bacante. E nem me apiedava de Jacinto que, com a doçura de S. Jacinto sobre o cepo, esperava o fim do seu martírio e da sua festa. (CS: 70-71).

Também num jantar filosófico, “uma Babel de Éticas e Estéticas”, um comensal excêntrico, “um mostrengo de um eslavo, de guedelha sórdida”, “que grunhia com o dedo espetado”, não deixa de atirar uns “olhos medonhos para o decote da pobre condessa de Arche”, enquanto brinda “à delícia da humildade e do trabalho servil, com aquele Champagne Marceaux granitado que a Matilde dava nos grandes dias em copos da forma do Santo Graal”. (CS: 98)

A nota expressiva da magreza, recorrendo da esfera da descrição física e pervadindo a do anímico, assume acrescido valor simbólico em episódios como o da cruel digressão da paixão mórbida de Zé Fernandes, “que durante sete semanas se *emporalhara*⁵⁹, na Rua do Hélder, com um estardalho muito magro e muito tisonado!” (CS: 83), a cocotte Madame Colombe.

Descia eu uma tarde, numa leda paz de ideias e sensações, o Boulevard da Madalena, quando avistei, diante da estação dos ônibus, rondando no asfalto, num passo lento e felino, uma criatura seca, muito morena, quase tisonada, com dois fundos olhos taciturnos e tristes, e uma mata de cabelos amarelados, toda crespa e rebelde, sob o chapéu

⁵⁹ Sublinhado nosso. Toda a cena, ensombrada por um clima cruel de subjugação irracional, e recorrendo a referentes lexicais que no imaginário andam associados ao enquadramento da feitiçaria, ocorre como uma alusão ao episódio homérico de Circe, que com seus filtros mágicos transforma em porcos e feras os homens com quem contacta (*Od.* 10. 136-399).

velho de plumas negras. Parei, como colhido por um repuxão nas entranhas. A criatura passou – no seu magro rondar de gata negra, sobre um beiral de telhado, ao luar de janeiro (CS: 78).

O detalhe dessa descida aos Infernos da degradação humana⁶⁰, que o narrador protagoniza, submetido ao cruel sortilégio de uma paixão abjeta, alimenta-se em larga escala dos referentes lexicais da cozinha e da preparação gastronômica:

E os seus cabelos eram imensos, de uma dureza e espessura de juba brava, em dois tons amarelos, uns mais dourados, outros mais crestados, como a côdea de uma torta ao sair quente do forno. (...) E eu (miserável Zé Fernandes!) também me senti muito sério, trespassado por uma emoção grave, como se nos envolvesse, naquela alcova de café, a majestade de um sacramento. À porta, empurrada levemente, o criado avançou a face nédia. Ordenei uma lagosta, pato com pimentões, e Borgonha. E foi somente ao findarmos o pato que me ergui, amarfanhando convulsamente o guardanapo, e a tremer lhe beijei a boca, todo a tremer, num beijo profundo e terrível, em que deixei a alma, entre saliva e gosto de pimentão! Depois, numa tipoia aberta, sob um bafo mole de leste e de trovoadas, subimos a Avenida dos Campos Elísios (CS: 79).

Ora se me afigurava ser um pedaço de cera que se derretia, com horrenda delícia, num forno rubro e rugidor; ora me parecia ser uma faminta fogueira onde flamejava, estalava e se consumia um molho de galhos secos (...) E também me resta a sensação de incessantemente e com arrobado deleite me despojar, arremessar para um regaço, que se cavava entre um ventre sumido e uns joelhos agudos, o meu relógio, os meus berloques, os meus anéis, os meus botões de punho de safira, e as cento e noventa e sete libras em ouro que eu trouxera de Guiães numa cinta de camurça. Do sólido, decoroso, bem fornecido Zé Fernandes, só restava uma carcaça errando através de um sonho, com as gâmbias moles e a baba a escorrer (CS: 80).

Em equivalente enquadramento, ocorrem ainda várias notações que inscrevem no campo lexical alimentar o tema da promiscuidade sexual, obsidiante no universo narrativo queirosiano. A confissão de Jacinto, de que partilha com alguns pares da sociedade parisiense, em sistema de agremiação, uma cortesã dispendiosa, merece ao confidente uma notável metáfora:

E como eu lamentava que o meu Príncipe, senhor tão rico e de tão fino orgulho, por economia de uma gamela própria chafurdasse com outros numa gamela pública – Jacinto levantou os ombros, com um camarão espetado no garfo. (CS: 47).

⁶⁰ “E concluí que padecera de uma longa sezão, sezão da carne, sezão da imaginação, apinhada num charco de Paris nesses charcos que se formam através da Cidade com as águas mortas, os limos, os lixos, os tortulhos e os vermes de uma Civilização que apodrece” (CS: 83).

Também o passeio aos arredores de Paris e a visão crua das misérias que superabundam na organização social da cidade inspirarão a Jacinto um amargo desabafo:

As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa ou na hora sôfrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho. E o Amor, na Cidade, meu gentil Jacinto? Considera esses vastos armazéns com espelhos, onde a nobre carne de Eva se vende, tarifada ao arratel, como a de vaca! Contempla esse velho Deus do Himeneu, que circula trazendo em vez do ondeante facho da Paixão a apertada carteira do Dote! Espreita essa turba que foge dos largos caminhos assoalhados em que os Faunos amam as Ninfas na boa lei natural, e busca tristemente os recantos lóbregos de Sodoma ou de Lesbos!... (CS: 92).

Correspondendo à dualidade semântica da gordura e da magreza, já notadas como enquadramentos especulares nas descrições físicas do universo das personagens, impõem-se também, ao nível dos descritores psicológicos, como noções fundamentais na simbologia das duas narrativas, as metáforas recorrentes da fartura e do fastio, intuídas pela silenciosa atenção do narrador⁶¹, e exteriorizadas pelo linguajar castiço do Grilo, sempre atento às mínimas turbulências da sensibilidade do senhor:

Uma noite no meu quarto, descalçando as botas, consultei o Grilo: – Jacinto anda tão murcho, tão corcunda... Que será, Grilo? O venerando preto declarou com uma certeza

⁶¹ “Espalhava pela mesa um olhar já farto. Nenhum prato por mais engenhoso, o seduzia; – e, como através do seu tumulto matinal fumava incontáveis cigarettas que o ressequiam, começava por se encharcar com um imenso copo de água oxigenada, ou carbonatada, ou gasosa, misturada de um conhaque raro, muito caro, horrendamente adocicado, de moscatel de Siracusa. Depois, à pressa, sem gosto, com a ponta incerta do garfo, picava aqui e além uma lasca de fiambre, uma febra de lagosta; – e reclamava impacientemente o café, um café de Moka, mandado cada mês por um feitor do Dedjah, fervido à turca, muito espesso, que ele remexia com um pau de canela!” (CS: 40); “o meu Príncipe emudecia, molemente engelhado no fundo das almofadas, donde só despegava a face para escancarar bocejos de fartura” (Ibid.: 43); “Pobre Príncipe da Grã-Ventura, tombado para o sofá de inércia, com os pés no regaço do pedicuro! Em que lodoso fastio caíra, depois de renovar tão bravamente todo o recheio mecânico e erudito do 202, na sua luta contra a Força e a Matéria! – E esse fastio não o escondeu mais do seu velho Zé Fernandes, quando recomeçou entre nós a comunhão de vida e de alma (...) Eram apenas expressões saciadas; um gesto de repelir com rancor a importunidade das coisas; por vezes uma imobilidade determinada, de protesto, no fundo de um divã, donde se não desenterrava, como para um repouso que desejasse eterno;” (Ibid.: 84). “E, se ainda cedia a um passeio de mail-coach, ou a um convite para algum castelo amigo dos arredores de Paris, era tão arrastadamente, com um esforço tão saturado ao enfiar o paletó leve, que me lembrava sempre um homem, depois de um gordo jantar de província, a estalar, que, por polidez ou em obediência a um dogma, devesse ainda comer uma lampreia de ovos!” (Ibid.: 86). “Desde essa manhã, Jacinto começou a mostrar claramente, escancaradamente, ao seu Zé Fernandes, o tédio de que a existência o saturava” (Ibid.: 109).

imensa: – Sua Excelência sofre de fartura. Era fartura! O meu Príncipe sentia abafadamente a fartura de Paris: – (...). Pobre Jacinto! Um jornal velho, setenta vezes relido desde a Crónica até aos Anúncios, com a tinta delida, as dobras roídas, não enfastiaria mais o Solitário, que só possuísse na sua Solidão esse alimento intelectual, do que o Parisianismo *enfastiava* o meu doce camarada! (CS: 85).

– E Jacinto? O digno negro murmurou, de entre os altos, reluzentes colarinhos: – Sua Excelência circula... Pesadote, fartote” (CS: 108).

Similarmente, na segunda parte da novela, após a intuição interiorizada do narrador⁶², de uma mudança radical – verdadeira “ressurreição” (CS:161) – operada nos hábitos e vivências do amigo Jacinto, será de novo Grilo a enunciar sentenciosamente a Zé Fernandes, com a metáfora da magreza, o reconhecimento da austeridade espartana a que se ajusta em Tormes Jacinto:

Depois, mais baixo, envolvendo num gesto desolado a louça de Barcelos, as facas de cabo de osso, as prateleiras de pinho como num refeitório de franciscanos: – Mas muita magreza, siô Fernandes, muita magreza! (CS: 162).

3. O TEMA ALIMENTAR NA DESCRIÇÃO DOS ESPAÇOS

Dada a natureza sequencial da ação, articulada sobre coordenadas temporais balizadas, no quotidiano humano, por refeições, os referentes prandiais tendem a ocorrer na formulação⁶³ discursiva das duas narrativas queirosianas, e em particular na mais extensa e detalhada da novela, como obsidianes – e incontáveis

⁶² “No lavatório pintado de amarelo, imitando bambu, apenas cabia o jarro, a bacia, um naco gordo de sabão; e uma prateleirinha bastava ao esmerado alinho da escova, da tesoura, do pente, do espelhinho de feira e do frasquinho de água de alfazema que eu mandara de Guiães” (Ibid.: 158); “E só me soube contar, trilhando soberanamente com os sapatos brancos e cobertos de pó o soalho remendado, que, ao acordar em Tormes, depois de se lavar numa dorna, e de enfiar a minha roupa branca, se sentira de repente como desanuviado, desenvencilhado! Almoçara uma pratada de ovos com chouriço, sublime. Passeara por toda aquela magnificência da serra com pensamentos ligeiros de liberdade e de paz. Mandara ao Porto comprar uma cama, uns cabides... E ali estava... – Para todo o Verão? – Não! Mas um mês... Dois meses! Enquanto houver chouriços, e a água da fonte, bebida pela telha ou numa folha de couve, me souber tão divinamente! (Ibid.: 161); “Era a mesma[sala] onde nós tanto exaltáramos o arroz com favas – mas muito esfregada, muito caiada, com um rodapé besuntado de azul estridente, onde logo adivinhei a obra do meu Príncipe. Uma toalha de linho de Guimarães cobria a mesa, com as franjas roçando o soalho. No fundo dos pratos de louça forte reluzia um galo amarelo. Era o mesmo galo e a mesma louça em que na nossa casa, em Guiães, se servem os feijões aos cavadores...” (Ibid.: 162).

⁶³ A sua recorrência obsessiva ecoa, na verdade, à memória dos leitores, o mecanismo das fórmulas homéricas de verso inteiro ou de hemistíquio, como as d’“a aurora de róseos dedos que surge”, ou d’“a noite que cai, cobrindo de sombras as cumeadas”.

– marcadores categoriais de tempo⁶⁴. É também praticamente impossível não encontrar, nas inumeráveis cenas de descrição de espaços interiores, como traço descritivo recorrente, a acompanhar as personagens, a presença de uma alfaia de cozinha, louça ou talher, ou de um azeite gastronómico, comestível ou bebível.

Chama a atenção o excepcional cuidado com que se detalham os espaços das cozinhas e salas de jantar. Nas acomodações da cidade, surpreendem os requintes hipercivilizados das salas de jantar⁶⁵. No Jasmineiro,

Bem mais aprazível (para mim) do que esse gabinete temerosamente atulhado de civilização – era a sala de jantar, pelo seu arranjo compreensível, fácil e íntimo. À mesa só cabiam seis amigos, que Jacinto escolhia com critério na literatura, na arte e na metafísica e que, (...) renovavam ali repetidamente banquetes que, pela sua intelectualidade, lembravam os de Platão. Cada garfada se cruzava com um pensamento ou com palavras destramente arranjadas em forma de pensamento (C: 228).

Ironicamente, a aparente exiguidade dos recursos, anunciada nos modestos seis lugares da mesa que obrigavam a tão criteriosa seleção, no entanto, multiplica-se refratariamente na surpreendente variedade dos talheres, e na sua sofisticadíssima funcionalidade:

E a cada talher correspondiam seis garfos, todos de feitios dissemelhantes e astuciosos – um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para a fruta, outro para o queijo. Os copos, pela diversidade dos contornos e das cores, faziam, sobre a toalha mais reluzente que esmalte, como ramalhetes silvestres espalhados por cima de neve. Mas Jacinto e os seus filósofos, lembrando o que o experiente Salomão

⁶⁴ “Amanhã, Zé Fernandes, tu vens antes de almoço, com as tuas malas dentro de um fiacre, para te instalares no 202, no teu quarto. (...) Eu tomo uma ducha antes de jantar, tépida, a dezassete” (CS: 32); “No 202, todas as manhãs, às nove horas, depois do meu chocolate e ainda em chinelas, penetrava no quarto de Jacinto.” (Ibid.: 36) “descobri que o meu Jacinto devia depois do almoço fazer uma visita na Rua da Universidade, outra no Parque Monceau, outra entre os arvoredos remotos da Muette” (Ibid.: 38); “Ao meio-dia, um tantã argentino e melancólico ressoava, chamando ao almoço. Com o ‘Figaro’ ou, as ‘Novidades’ abertas sobre o prato, eu esperava sempre meia hora pelo meu Príncipe, que entrava numa rajada, consultando o relógio, exalando com a face moída o seu queixume eterno” (Ibid.: 39); “(...) quando descí para o almoço, a toalha desaparecia sob uma camada de telegramas, que o meu Príncipe fendia com a faca, enrugado, rosnando contra a ‘maçada’.” (Ibid.: 46); “(...) nessa manhã da minha libertação, ao penetrar antes de almoço no seu quarto, no sofá o encontrei enterrado (...)” (Ibid.: 82); “Ao cabo de uma semana, recolhendo uma manhã para o almoço (...)” (Ibid.: 157).

⁶⁵ “Às vezes, por ironia, usando o disfemismo: “Eis aqui um comedouro muito compreensível e muito repousante, Jacinto!” (Ibid.: 34); “E como eu lamentava que o meu Príncipe, senhor tão rico e de tão fino orgulho, por economia de uma gamela própria chafurdasse com outros numa gamela pública” (Ibid.: 47); “Hóspede do 202, conservava no 202 a minha mala e a minha roupa: e, acostado à bandeira do meu Príncipe, ainda ocasionalmente comia do seu caldeirão sumptuoso” (Ibid.: 78).

ensina sobre as ruínas e amarguras do vinho, bebiam apenas em três gotas de água uma gota de bordéus Chateaubriand, 1860”. (C: 228)⁶⁶.

Por sua vez, a alusão simples das águas expande-se espetacularmente no elenco excêntrico, hiperbólico, dos tipos “águas geladas, águas carbonatadas, águas esterilizadas, águas gasosas, águas de sais, águas minerais, outras ainda, em garrafas sérias, com tratados terapêuticos impressos no rótulo...” (C: 228)⁶⁷, que introduz, num requinte descritivo, o prazer superabundante da descrição gastronômica:

O cozinheiro, mestre Sardão, era daqueles que Anaxágoras equiparava dos Retóricos, aos Oradores, a todos os que sabem a arte divina de “temperar e servir a Ideia” (...). A sua sopa de alcachofras e ovas de carpa; os seus filetes de veado macerados em velho madeira com puré de nozes; as suas amoras geladas em éter, outros acepipes ainda, numerosos e profundos (e os únicos que tolerava o meu Jacinto), eram obras de um artista, superior pela abundância das ideias novas – e juntavam sempre a raridade do sabor à magnificência da forma. Tal prato desse mestre incomparável parecia, pela ornamentação, pela graça florida dos labores, pelo arranjo dos coloridos frescos e cantantes, uma joia esmaltada do cinzel de Meurice ou Cellini. Quantas tardes eu desejei fotografar aquelas composições de excelente fantasia, antes que o trinchante as retalhasse! (C: 228).

Paralelamente, requinta-se com exuberância a curiosidade antropológica do ritual e da etiqueta do servir à mesa:

E esta superfinidade do comer condizia deliciosamente com a do servir. Por sobre um tapete, mais fofo e mole que o musgo da floresta da Brocelanda, deslizavam, como sombras fardadas de branco, cinco criados e um pajem preto, à maneira vistosa do século XVIII. As travessas (de prata) subiam da cozinha e da copa por dois ascensores, um para as iguarias quentes, forrado de tubos onde a água fervia; outro, mais lento, para as iguarias frias, forrado de zinco, amónia e sal, e ambos escondidos por flores tão densas e viçosas, que era como se até a sopa saísse fumegando dos românticos jardins de Armida. (C: 228-230).

⁶⁶ Cfr. CS: 34: “Mas já eu me começava a inquietar, reparando que a cada talher correspondiam seis garfos, e todos os feitos astuciosos. E mais me impressionei quando Jacinto me desvendou que era um para as ostras, outro para o peixe, outro para as carnes, outro para os legumes, outro para as frutas, outro para o queijo.”

⁶⁷ Cfr. Ibid.: 34: “Simultaneamente, com uma sobriedade que louvaria Salomão, só dois copos, para dois vinhos: – um bordéus rosado em infusas de cristal, e champanhe gelando dentro de baldes de prata. Todo um aparador vergava sob o luxo redundante, quase assustador de águas – águas oxigenadas, águas carbonatadas, águas fosfatadas, águas esterilizadas, águas de sais, outras ainda, em garrafas bojudas, com tratados terapêuticos impressos em rótulos”.

Episódio paralelo ocorre na novela, quando, ao fim de sete anos de ausência na serra, Zé Fernandes regressa ao convívio do amigo em Paris (CS: 33-35).

O cenário de salas de jantar, sumptuosamente descrito nos capítulos iniciais de ambas as narrativas (C: 228-230, cap. I; CS: 33-35, cap. II)⁶⁸, justifica a sua centralidade simbólica no desenrolar posterior das magnificentes cenas de jantares⁶⁹, que definem a complexa ética de sociabilidade aristocrática, na metrópole. Enquanto em C se alude de forma breve ao jantar oferecido ao erudito Bispo de Chorazim (C: 230, cap. I), e à regular instituição das tertúlias gastronómicas a que chamavam “Banquetes de Platão” (C: 230-232, cap. II), a extensão da novela permitirá multiplicar, em número e requinte de pormenores, similares episódios, onde se descrevem, pois, com generosos desenvolvimentos de várias páginas, a preparação e a execução do jantar de homenagem ao Grão-Duque (CS: 53-73, cap. IV); a excentricidade boémia dos Festim Cor de Rosa (CS: 111-113, cap. VII) e o Jantar de aniversário de Jacinto (CS: 113-117, cap. VII)⁷⁰. Estas cenas de jantares de hospitalidade, regularmente articuladas sobre um esquema acional repetido, de um desaire técnico⁷¹, insistirão na falência fundamental da tese de que a superabundância de recursos provê aos homens os meios exclusivos para a sua completa realização. Sobretudo no enquadramento diegético mais abrangente da CS, as refeições, e sua moldura civilizacional, convocam preferencialmente os temas da projeção social e popularidade⁷², e do amável ou afetado entretenimento social⁷³:

⁶⁸ Vejam-se as cenas supracitadas.

⁶⁹ Acrescem ainda, fora do contexto privado do 202, as festas de despedida, antes de partir para Portugal: “Depois arrebanhava amigos para jantares de surpresa no Voisin ou no Bignon, onde desdobrava o guardanapo com a impaciência de uma fome alegre, vigiando fervorosamente que os Bordéus estivessem bem aquecidos e os Champagnes bem granitados”. (Ibid.:124).

⁷⁰ A que na secção especular das Serras corresponderá o jantar de aniversário de Zé Fernandes, oferecido pela hospitalidade carinhosa da Tia Vicência, a funcionar como prelúdio do encontro amoroso de Jacinto e Joaninha (CS: 203 *sqq.*; 217-24).

⁷¹ Do elevador, no jantar ao Bispo de Chorazim (C: 230); das torneiras do banho, num dos dias de Banquete de Platão (Ibid.: 232); do Teatofone e do elevador, no jantar de homenagem ao Grão Duque (CS: 53-73); no jantar de aniversário, cumulado por três insucessos, o do chá intragável (uma infusão descorada que sabia a malva e a formiga), o da mesa articulada impraticável, e o do arroz doce irreconhecível (Ibid.: 114-115).

⁷² “Quase sempre então ele recebia presentes, que as filhas dos caseiros, ou os pequenos, lhe vinham trazer muito corados, à varanda, e que eram vasos de manjerição, ou um grosso ramallete de cravos, e mesmo por vezes um gordo pato. Havia então uma distribuição de cavacas e merengues de Guiães às raparigas e às crianças – e, no pátio, para os homens circulavam as infusas de vinho branco. O Silvério já sustentava com espanto, e redobrado respeito, que o Sr. D. Jacinto em breve disporia de mais votos nas eleições que o Dr. Alípio” (Ibid.: 208).

⁷³ “Sempre que chego a Paris, pergunto: ‘Onde é que se janta agora?’ Em casa do Joseph!... Qual! Não se janta! Hoje, por exemplo, galinhas... Uma peste! Não tem, não tem a noção da galinholá! Os seus olhos azulados, de um azul sujo, rebrilhavam, alargados pela indignação: – Paris está perdendo todas as suas superioridades. já se não janta, em Paris! Então, em redor, aqueles senhores concordaram, desolados. O conde de Trèves defendeu o Bignon, onde

O 202, nesse Inverno, refulgiu de magnificência. Foi então que ele iniciou em Paris, repetindo Heliogábalo, os Festins de Cor contados na “História Augusta”: e ofereceu às suas amigas esse sublime jantar cor-de-rosa, em que tudo era róseo, as paredes, os móveis, as luzes, as louças, os cristais, os gelados, os champanhes, e até (por uma invenção da Alta Cozinha) os peixes, e as carnes, e os legumes, que os escudeiros serviam, empoados de pó rosado, com librés da cor da rosa, enquanto do teto, de um velário de seda rosada, caíam pétalas frescas de rosas... A Cidade, deslumbrada, clamou: “Bravo, Jacinto!” E o meu Príncipe, ao rematar a festa fulgurante, plantou diante de mim as mãos nas ilhargas e gritou triunfalmente: “Hem? Que maçada!...” (CS: 111-112).

Exceccionalmente, ocorrem ainda como fonte de regeneração durante ou depois de uma crise existencial⁷⁴.

Na segunda parte de ambas as narrativas, consignada ao espaço rural, as salas de jantar já não preponderam como espaço de sofisticada exibição de recursos; pelo contrário, a par das salas espartanas, e vazias, quase integralmente aplicadas a funcionalidades agrárias, sobressai agora o núcleo profundo das cozinhas, onde as refeições se preparam: com os desconcertantes encantos da sua simplicidade, assumem o estatuto privilegiado de cenário dramático para a peripécia que inaugurarão a alteração dos destinos dos actantes. Na chegada inoportuna à casa de Torges,

(...) o meu pobre Jacinto contemplou, enfim, as salas do seu solar! Eram enormes, com as altas paredes rebocadas a cal que o tempo e o abandono tinham enegrecido, e vazias, desoladamente nuas, oferecendo apenas como vestígio de habitação e de vida, pelos cantos, algum monte de cestos ou algum molho de enxadas. Nos tectos remotos de carvalho negro alvejavam manchas – que era o céu já pálido do fim da tarde, surpreendido através dos buracos do telhado. Não restava uma vidraça. Por vezes, sob os nossos passos, uma tábua podre rangia e cedia. Parámos, enfim, na última, a mais vasta, onde havia duas arcas tulheiras para guardar o grão; e aí depusemos, melancolicamente, o que nos ficara de trinta e sete malas – os paletós alvadios, uma bengala e um *Jornal da Tarde*. Através das janelas desvidraçadas, por onde se avistavam copas de arvoredos e as serras azuis de além-rio, o ar entrava, montesino e largo, circulando plenamente como num eirado, com

se conservavam nobres tradições. E o diretor do ‘Boulevard’, que se empurrava todo para Sua Alteza, atribuía a decadência da cozinha, em França, à República, ao gosto democrático e torpe pelo barato” (Ibid.: 63).

⁷⁴ “Tarde, muito tarde, quando já se cerravam com estrondo as cortinas de ferro das lojas, surdiu, de entre todas estas confusas ruínas do meu ser, a eterna sobrevivente de todas as ruínas – a ideia de jantar. Penetrei no Durand, com os passos entorpecidos de um ressuscitado. (...) vomitei o Borgonha, vomitei o pato, vomitei a lagosta. Depois, num esforço ultra-humano, com um rugido, sentindo que, não somente toda a entranha, mas a alma se esvaziava toda, vomitei Madame Colombe! Recai sobre o leito de ‘D. Galeão’... Recarreguei o chapéu sobre os olhos para não sentir os raios do sol. Era um sol novo, um sol espiritual, que se erguia sobre a minha vida. E adormeci, como uma criancinha docemente embalada num berço de verga pelo Anjo da Guarda” (Ibid.: 81-83).

aromas de pinheiro bravo. E lá de baixo, dos vales, subia, desgarrada e triste, uma voz de pegureira cantando. Jacinto balbuciou: — É horroroso! Eu murmurei: — É campestre!” (C: 237-238).

E eu, a quem aqueles ares serranos e o cantar da pegureira sabiam bem, terminei por descer à cozinha, conduzido pelo cocheiro, através de escadas e becos, onde a escuridão vinha menos do crepúsculo do que de densas teias de aranha. A cozinha era uma espessa massa de tons e formas negras, cor de fuligem, onde refulgia ao fundo, sobre o chão de terra, uma fogueira vermelha que lambia grossas painéis de ferro e se perdia em fumarada pela grade escassa que no alto coava a luz. Aí, um bando alvoraçado e palreiro de mulheres depenava frangos, batia ovos, escarolava arroz, com santo fervor... Do meio delas o bom caseiro, estonteado, investiu para mim jurando que “a ceia das suas *inselências* não demorava um credo”. E, como eu o interrogava a respeito de camas, o digno Brás teve um murmúrio vago e tímido sobre “enxergazinhas no chão”. (C: 238-239)⁷⁵.

Na moldura simples do espaço rural, as refeições ocorrem sobretudo como momentos privilegiados de contacto humano e comunicação afetiva⁷⁶, fonte recorrente de memórias identitárias, direta ou epistolarmente traduzidas⁷⁷.

4. O TEMA ALIMENTAR NO EVOLUIR DA AÇÃO

As duas narrativas articulam a sua estrutura actancial numa estrutura simetricamente dual: enquadrado num cenário urbano, e detentor de uma invejável fortuna, o protagonista, convencido da absoluta supremacia da civilização, acumula à sua volta todos os confortos técnicos e científicos disponíveis, tentando em vão conquistar por esse hiperbólico esforço a felicidade; exasperado com a falência dos recursos técnicos e com a lamentável vacuidade dos laços humanos que cria, ele vê-se confrontado com a necessidade de se deslocar, por imperativos morais, a uma sua propriedade rústica.

⁷⁵ Para equivalente assombro, em Tormes, na complexa mistura de “horror” (CS: 144, 148), “infâmia” (Ibid.: 144, 148), e “enlevo” (Ibid.: 148), vd. Ibid.: 142-156.

⁷⁶ “Mas o que sobretudo a cativou foi o tremendo apetite de Jacinto, a entusiasmada convicção com que ele, amontoando no prato montes de cabidela, depois altas serras de arroz de forno, depois bifes de numerosa cebolada, exaltava a nossa cozinha, jurava nunca ter provado nada tão sublime. Ela resplandecia (...) Mas o enternecimento maior foi quando, ao servir o café, o criado pôs ao lado de Jacinto um pires com um pau de canela, o seu estranho e costumado pau de canela. Não esquecera a tia Vicência! Ali tinha o seu pauzinho de canela! – Queria que ele, em Guiães, continuasse os seus hábitos como em Tormes... E aquele pau de canela foi o símbolo de adoção do meu Príncipe como novo sobrinho da tia Vicência. Ela em breve recolheu à cozinha, aos preparativos do banquete” (Ibid.: 212).

⁷⁷ “De manhã, lavei a pele num banho profundo, perfumado com todos os aromas do 202, (...) e lavei a alma com uma rica carta da tia Vicência, em letra farta, contando da nossa casa, e da linda promessa das vinhas, e da compota de ginja que nunca lhe saíra tão fina” (...) (Ibid.: 83).

Sublinhando a centralidade civilizacional do tema gastronómico, não só os preparativos, como a própria viagem não dispensam o cuidado de um aconchego ao estômago⁷⁸. A paisagem entrevista, com surpresa e enlevo, trai também sempre na sua ubérrima generosidade criadora o traço projetivo da alimentação⁷⁹.

Mas contrariamente ao arquitetado, por uma nova sucessão de falências técnicas, o protagonista acaba por ter de se instalar nos seus domínios rurais, onde ninguém o espera, desprovido dos múltiplos confortos civilizacionais com que contava. Na dramática prova imposta ao protagonista como um ritual de passagem heroica⁸⁰, assume centralidade simbó-

⁷⁸ “Eu acompanhava Jacinto, no meu caminho para Goães, onde vive minha tia, a uma légua farta de Torges: e íamos num vagão reservado, entre vastas almofadas, com perdizes e champanhe num cesto” (C: 234); “Debalde a Companhia do Norte de Espanha e de Salamanca, por cartas, por telegramas, sossegaram o meu camarada, afirmando que, quando ele chegasse no comboio de Irun dentro do seu salão, já outro salão ligado ao comboio de Portugal esperaria, bem aquecido, bem iluminado, com uma ceia que lhe ofertava um dos diretores, D. Esteban Castillo, ruidoso e rubicundo conviva do 202! Jacinto corria os dedos ansiosos pela face” (CS: 126-127); “De resto a solicitude da Companhia, deusa omnipresente, velava sobre o nosso conforto – pois que à porta do lavatório branquejava o cesto da nossa ceia, (...) Farejei um aroma de perdiz. É alguma tranquilidade nos penetrou no coração” (Ibid.: 134); “Destapámos o cesto de D. Esteban donde surdiu um bodo grandioso, de presunto, anho, perdizes, outras viandas frias que o ouro de duas nobres garrafas de Amontillado, além de duas garrafas de Rioja, aqueciam com um calor de sol andaluz. Durante o presunto, Jacinto lamentou contritamente o seu erro. Ter deixado Tormes, um solar histórico, assim abandonado e vazio! Que delícia, por aquela manhã tão lustrosa e tépida, subir à serra, encontrar a sua casa bem apetrechada, bem civilizada... (...) E assim discorrendo, atacámos as perdizes. Eu desarrolhava uma garrafa de Amontillado – quando o comboio, muito sorrateiramente, penetrou numa estação. (...) E corri mesmo a cortina, porque de fora um padre muito alto, com uma ponta de cigarro colada ao beíço, parara a espreitar indiscretamente o nosso festim. Mas quando acabámos as perdizes, e Jacinto confiadamente desembulhava um queijo manchego, (...), eu, inquieto, corri à portinhola para apressar esses servos tardios (...) Ambos nos consolámos com copinhos de uma divina aguardente Chinchon. Depois, estendidos nos sofás, saboreando os dois charutos que nos restavam, com as vidraças abertas ao ar adorável, conversámos de Tormes. Na estação certamente estaria o Silvério, com os cavalos...” (Ibid.: 136).

⁷⁹ “Mas, passada uma trémula ponte de pau que galga um ribeiro todo quebrado por fragas (e onde abunda a truta adorável) os nossos males esqueceram, perante a inesperada, incomparável beleza daquela serra bendita. (...)” (C: 236); “Dizer os vales fofos de verdura, os bosques quase sacros, os pomares cheirosos e em flor, a frescura das águas cantantes, as ermidinhas branqueando nos altos, as rochas musgosas, o ar de uma doçura de Paraíso, toda a majestade e toda a lindeza – não é para mim, homem de pequena arte” (Ibid.: 236); “Logo depois de atravessarmos uma trémula ponte de pau, sobre um riacho quebrado por pedregulhos, o meu Príncipe, com o olho de dono subitamente aguçado, notou a robustez e a fartura das oliveiras... – E em breve os nossos males esqueceram perante a incomparável beleza daquela serra bendita!” (CS: 141).

⁸⁰ Veja-se a nota irónica da oposição entre o luxo citadino e a agrestia da serra, quando, a opor às “suas engenhosas chinelas de pelica e seda” (C: 231), o Zé Brás providenciou “ao pobre Jacinto, para ele desafogar os pés, uns tremendos tamancos de pau, e para ele embrulhar o corpo, docemente educado em Síbaris, uma camisa da caseira, enorme, de estopa mais

lica⁸¹ a peripécia da primeira refeição oferecida ao senhor pelos serventes (C: 239-241; CS: 146-150).

Quando, três semanas depois, se reencontram na propriedade de Torges, o narrador aprecia como o reestruturar do espaço doméstico, prescindindo do luxo ridiculamente hipercivilizado, continua a centrar-se nas valências da mesa: a da cozinha e a de estudo, como duas faces complementares das dinâmicas da satisfação – orgânica e espiritual –

Na sala nobre, onde o soalho fora composto e esfregado, encontrei uma mesa recoberta de oleado, prateleiras de pinho com louça branca de Barcelos e cadeiras de palhinha, orlando as paredes muito caiadas que davam uma frescura de capela nova. Ao lado, noutra sala, também de faiscante alvura, havia o conforto inesperado de três cadeiras de verga da Madeira, com braços largos e almofadas de chita; sobre a mesa de pinho, o papel almaço, o candeeiro de azeite, as penas de pato espetadas num tinteiro de frade, pareciam preparadas para um estudo calmo e ditoso das humanidades; e na parede, suspensa de dois pregos, uma estantezinha continha quatro ou cinco livros, folheados e usados, o D. Quixote, um Virgílio, uma História de Roma, as Crónicas de Froissart (C: 244).

Também a confirmação da metamorfose ocorre, de resto, mediada pelo ritual da mesa⁸².

E a síntese teórica de Jacinto – que opera a revisão da primeira tese proposta na narrativa (da superioridade da Civilização sobre a Natureza) – sustenta-se também da certeza da nuclearidade do repasto:

A sapiência, portanto, está em recuar até esse honesto mínimo de civilização, que consiste em ter um tecto de colmo, uma leira de terra e o grão para nela semear. Em resumo, para reaver a felicidade, é necessário regressar ao Paraíso – e ficar lá, quieto, na sua folha de vinha, inteiramente desguarnecido de civilização, contemplando o anho aos saltos entre o tomilho, e sem procurar, nem com o desejo, a árvore funesta da Ciência! Dixi! (C: 247).

áspera que estamemha de penitente, e com folhos crespos e duros como lavores em madeira...” (Ibid.: 242).

⁸¹ Também na distorção simbólica da metamorfose que começa, veiculada pela projeção onírica do narrador homodiegético, o enquadramento preferencial é ainda o banquete simposial do rústico Zé Brás, com o narrador e Platão (Ibid.: 243).

⁸² “E agora, homem das cidades, vem almoçar umas trutas que eu pesquei, e compreende enfim o que é o Céu. As trutas eram, com efeito, celestes. E apareceu também uma salada fria de couve-flor e vagens, e um vinho branco de Azães... Mas quem condignamente vos cantará comeres e beberes daquelas serras?” (C: 245).

5. O REPASTO DO ESPÍRITO

Tema fulcral do enquadramento semântico das duas narrativas é o da paridade entre o alimento orgânico, profusamente referenciado (de forma consciente ou inconsciente) nos discursos e nuclearmente oferecido à sensibilidade nas vivências quotidianas das personagens, e o alimento espiritual, reconhecido como o superior conhecimento das coisas, antigas e novas, que parece corporizar-se na realidade material omnipresente dos livros.

Oh, a invasão dos livros no 202! Solitários, aos pares, em pacotes, dentro de caixas, franzinos, gordos e repletos de autoridade, envoltos em plebeia capa amarela ou revestidos de marroquim e ouro, perpetuamente, torrencialmente, invadiam por todas as largas portas a Biblioteca, onde se estiravam sobre o tapete, se repimpavam nas cadeiras macias, se entronizavam em cima das mesas robustas, e sobretudo trepavam contra as janelas, em sôfregas pilhas, como se, sufocados pela sua própria multidão, procurassem com ânsia espaço e ar! Na erudita nave, onde apenas alguns vidros mais altos restavam descobertos, sem tapume de livros, perenemente se adensava um pensativo crepúsculo de Outono enquanto fora junho refulgia. A Biblioteca transbordara através de todo o 202! – Não se abria um armário sem que de dentro se despenhasse, desamparada, uma pilha de livros! Não se franzia uma cortina sem que de trás surgisse, hirta, uma ruma de livros! E imensa foi a minha indignação quando uma manhã, correndo urgentemente, de Mãos nas alças, encontrei, vedada por uma tremenda coleção de Estudos Sociais, a porta do Water-Closet! Mais amargamente porém me lembro da noite histórica em que, no meu quarto, moído e mole de um passeio a Versalhes, com as pálpebras poeirentas e meio adormecidas, tive de desalojar do meu leito, praguejando, um pavoroso Dicionário de Indústria em trinta e sete volumes! Senti então a suprema fartura do livro. Ajeitando, com murros, os travesseiros, maldisse a Imprensa, a facúndia humana... (CS: 76-78)

Pelo menos não consentia o meu Jacinto que essas semanas da silvestre Tormes interrompessem a ilimitada acumulação das noções – porque uma manhã rompeu pelo meu quarto, desolado, gritando que entre tantos confortos e formas de Civilização esquecêramos os livros! Assim era – e que vexame para a nossa Intelectualidade! Mas que livros escolher entre os facundos milhares sob que vergava o 202? O meu Príncipe decidiu logo dedicar os seus dias serranos ao estudo da História Natural – e nós mesmos, imediatamente, deitámos para o fundo de um vasto caixote novo, como lastro, os vinte e cinco tomos de Plínio. Despejámos depois para dentro, às braçadas, Geologia, Mineralogia, Botânica. Espalhámos por cima uma camada aérea de Astronomia. E, para fixar bem no caixote estas Ciências oscilantes, entalámos em redor cunhas de Metafísica. (CS: 125)

Essa realidade material dos livros, fonte primeira dos repastos espirituais do protagonista, traz também, naturalmente, à colação a dualidade simbólica que reside na notação do enfartamento e da fome: a experiência sufocante

de mergulho na erudição culminará na hiperbólica Fartura do Livro⁸³. A par, também a materialidade do corpo, sustentada por todos os confortos inventados desde “Teramenes, criador da roda” (CS: 10, 93), redundará na fragilidade psicossomática com que o protagonista, acabrunhado pela servidão material, encanece e corcova prematuramente.

Valeria ainda recordar que a experiência cultural de Jacinto, propiciada na novela pela figura adjuvante da avó e do seu círculo (o padre, os amigos), se inicia pela gradual familiaridade com o mundo Antigo, desde a aprendizagem inicial do Latim⁸⁴, até ao robustecer da força pensante, articulado por todas as noções adquiridas e formuladas desde Aristóteles (CS: 10, 93) e Platão (CS: 129, 132). Tecidas no fio da narrativa recorrem, fruto dessa educação, muitíssimas referências clássicas⁸⁵. Quando se decide surpreendentemente a honrar o seu passado familiar, partindo para Tormes (que conserva claros os rigores espartanos⁸⁶) a trasladar os ossos dos avós, Jacinto exclama: “Acabou!... *Alea jacta est!*” (CS: 99), e põe no seu afã de mudança o hiperbólico tom de uma marcha épica. A presença da natureza, de início interpretada como poder ameaçador, e gradualmente assumida como potência regeneradora da identidade originária do homem, palco divino de criação (CS: 148), justifica a recorrente referência de Hesíodo (CS: 93, 204), das *Geórgicas* (CS: 20, 163) e *Éclogas*⁸⁷ de Virgílio (CS: 150, 160 sqq.), de Horácio (CS: 168, 203), de Platão (CS: 150, 155), de Plínio (CS: 125), de Epicuro

⁸³ A tradução simbólica da “suprema fartura do livro” (CS: 62) ocorre expressivamente na fantasia onírica do narrador, que “vê” transfigurada toda a realidade circundante por livros e erudição encadernada, com o Altíssimo, o Eterno, a ler uma edição barata de Voltaire; um dia, no meio de uma profunda crise de tédio, sem saber a que leitura se dedicar no meio dos seus setenta mil volumes, Jacinto “palpou com mão indeliberada toda a vasta Grécia desde a criação de Atenas até à aniquilação de Corinto” (Ibid.: 96).

⁸⁴ “As Letras, a Tabuada, e Latim entraram por ele tão facilmente como o sol por uma vidraça” (Ibid.: 8); já adulto, o Latim conserva para ele a suavidade apetecida (Ibid.: 149), e está sempre nos recursos da conversação de José Fernandes e Jacinto (Ibid.: 153, 181).

⁸⁵ Como as que emolduram a tranquilidade feliz da vida de Jacinto (em Ibid.: 15: alusão ao amor como o mel que as abelhas recolhem com ligeireza; e o símile do rio pacífico, cortado por um barco de cedro, que lembra a figura histórica de Marco António no Nilo). Também o tema da descida infernal se surpreende quer, em tom paródico, no episódio caricato do poço do elevador (Ibid.: 67-71), quer ainda, num registo de distinto alcance simbólico, no cataclismo que em Tormes precipita os ossos dos antepassados de Jacinto (Ibid.: 72-73). Este simbólico precipitar-se nos infernos (sublinhado, aliás, pela impressão de agouro que se abate sobre Jacinto, Ibid.S: 72 sqq.), permitirá posteriormente reerguer o herói à sua nova vida.

⁸⁶ “Recolhido à minha alcova espartana (...)” (Ibid.: 132); no mesmo passo se nota, com um eco proverbial antigo, que o Sono “é um primo da Morte”.

⁸⁷ Desde o uso em ecos ténues, como aquele em que Zé Fernandes leva de Paris para o exílio um livro de Direito, “para aprender enfim, nos vagares da aldeia, *estendido sob a faia*, as leis que regem os homens” (Ibid.: 23); ou outros de referência mais lata: “(...) uma larga Bucólica (Ibid.: 137); “(...) deliciosa, para uma *Écloga* (...)” (Ibid.: 196).

(CS: 135), Epicteto (CS: 160) e Diógenes (CS: 148), de Plutarco (CS: 160), e até de Eurípides ou Sófocles (CS: 228), e de profusos ecos de Homero⁸⁸.

Empenhada na refutação da tese da supremacia da Civilização e do acumular de saberes para a definitiva felicidade humana, a novela parece alicerçar a sua estrutura simbólica sobretudo no tema clássico da viagem: à volta do mitema homérico do herói que vagueia errante, em busca de si mesmo e da sua nostálgica paisagem interior, se construirá, pois, a história de Jacinto, nascido já em exílio, muito longe do torrão natal, num palácio luxuoso – que, exprimindo as cruas realidades do progresso científico e do materialismo, nem nome tem: é apenas o 202. Quando, perdido dentro do seu próprio périplo de tédio, “[d]esventurado Príncipe (...) errava então pelas salas, lenta e murchamente, como quem vaga em terra alheia sem afeições e sem ocupações”, espalhando “em torno um olhar farto”, e, “[a]nulado, bocejava com descoroçoada moleza (CS: 87)”, Jacinto evoca simbolicamente Ulisses⁸⁹ errando sobre as águas. Também na renascença espiritual do protagonista, nos rigores espartanos da casa de Tormes, a *Odisseia* protagonizará – com o D. Quixote – entre as referências literárias imprescindíveis de Jacinto⁹⁰.

Porque o dono de trinta mil volumes era agora, na sua casa de Tormes, depois de ressuscitado, o homem que só tem um livro. (...) E libertado enfim do involúcro sufocante da sua Biblioteca imensa, o meu ditoso amigo compreendia enfim a incomparável delícia de ler um livro. Quando eu corraera a Tormes (...), ele findava o *D. Quixote*, e ainda eu lhe escutara as derradeiras risadas com as coisas deliciosas, e decerto profundas, que o gordo Sancho lhe murmurava, escarranchado no seu burro. Mas agora o meu Príncipe mergulhara na *Odisseia* – e todo ele vivia no espanto e no deslumbramento de assim ter encontrado no meio do caminho da sua vida o velho errante, o velho Homero! (CS: 184) E meio adormecido, encantado, incessantemente avistava, longe, na divina Hélade, entre o mar muito azul e o céu muito azul, a branca vela, hesitante, procurando Ítaca... (CS: 186).

⁸⁸ O tema da Guerra de Troia, e do protagonismo de Ulisses, frente a Heitor e Príamo, ilustra as tapeçarias que deslumbram os visitantes do 202 (Ibid.: 55). Recorre ainda a presença de Ulisses noutras alusões dissimuladas “Eu comi com o apetite de um herói de Homero. Sobre o meu copo e o de Dornan o champanhe cintilou e jorrou ininterrompidamente como uma fonte de Inverno” (Ibid.: 70); notar ainda como na cena do desespero de Zé Fernandes, abandonado por Madame Colombe (Ibid.: 80-83), prepondera, como em Homero, a ideia de que o vil estômago se sobre põe com as suas exigências animais a qualquer dor espiritual.

⁸⁹ “E o meu Príncipe abrindo a mala, sóbria maleta de filósofo, ofereceu os “nobres presentes, que são devidos”, como diz sempre o astuto Ulisses na *Odisseia*” (CS: 211).

⁹⁰ “(...) esperavam, espalhados, como os primeiros doutores nas bancadas de um concílio, alguns nobres livros, um Plutarco, um Virgílio, a *Odisseia*, o *Manual* de Epicteto, as *Crónicas* de Froissart” (Ibid.: 160). Particularmente relevante é o episódio (Ibid.: 184-86) em que Zé Fernandes e Jacinto confessam a relevância das leituras homéricas — comparando o paradigma poético da *Iliada* e da *Odisseia* — nas suas vidas, e estabelecem oportunamente o paralelo com um episódio histórico (citado por Plutarco) de Alcibíades.

Muito revelador nos parece, neste reelaborar transfigurador, a presença obsidiante de ecos da cultura clássica greco-latina, apresentados como a moldura ideal da vivência do homem superior, que é capaz de se reencontrar, reconciliando-se com a própria vida.

Reconciliar-se com a vida parece, aqui, o resultado de uma nova dieta que se impõe ao homem saturado dos excessos cometidos: comer comida genuína – simples, saudável, saborosa – e regressar aos melhores modelos literários.

BIBLIOGRAFIA

- Cal, Ernesto Guerra da (1978), “Queirós, José Maria Eça de”, in Coelho, J. P., *Dicionário de Literatura (Literatura Portuguesa, Literatura Brasileira, Literatura Galega, Estilística Literária)*, Figueirinhas, Porto, 886-890.
- Castilho, Guilherme de (1983), *Eça de Queirós, Correspondência*, INCM, Lisboa.
- Matos, A. Campos (1988), *Dicionário de Eça de Queiroz*, Caminho, Lisboa.
- Queirós, Eça de (2009), *Contos I* (C. Reis, M.–H. Piwnik, eds.), INCM, Lisboa.
- Queirós, Eça de (2014), *A Cidade e as Serras*. (Fixação do texto e notas H.C. Moura), Ed. Livros do Brasil, Lisboa.